

Formação cotidiana: um *dever professor*

REIS, Graça Regina Franco da Silva¹

"Não importa que a tenham demolido, a gente continua morando na velha casa em que nasceu."

(Mario Quintana)



A imagem que trago para este artigo faz parte do relato de atividade de um dia de encontro elaborado por uma professora do município de Queimados, lugar onde desenvolvo a pesquisa, **CONVERSAS ENTRE PROFESSORES: a prática como ponto de encontro, outra forma de pensar a formação e os currículos praticados**, em parceria com o Colégio de Aplicação da UFRJ, meu espaço de trabalho.

Esta pesquisa busca pensar a multiplicidade de contextos da formação docente, trazendo para o encontro entre as professoras que participam da pesquisa um espaço de troca de experiências e de possibilidades de (re)memorar a vida, por meio dos relatos e narrativas.

¹ Doutoranda do PROPED e professora do Colégio de Aplicação/UFRJ.

Entendo que, por meio da troca, professores e professoras são capazes de ampliar experiências e que a formação cotidiana se dá, também, neste movimento onde os sujeitos do processo podem (re)pensar a sua prática, por meio do diálogo, de forma a modificá-la muitas vezes. Compreendo este processo de troca e refazimento como um *dever-professor*, algo que está sempre em movimento e construção. Para isso direciono meus olhos e ouvidos para as narrativas, enxergando ali um processo de reconhecimento e valorização dos saberes praticados em sala de aula.

Percebo que o trabalho com as memórias surge como um potente elemento de compreensão dos processos de formação e de manifestação das identidades docentes, ampliando nossa compreensão sobre quem são essas professoras. Isto porque cada professora traz para a escola uma infinidade de conexões e possibilidades que produzem outras conexões e possibilidades quando entram em contato com os outros do processo, sejam eles alunos(as) ou professores(as).

Tenho visto que os relatos e narrativas permitem aos sujeitos reconstruírem os seus caminhos, reinventando o que viveram no passado, hoje, no presente, possibilitando, assim, um intercâmbio com o que está por vir. A produção de narrativas estimula os movimentos de aproximação e distanciamento das trajetórias pessoais, dos fatos vividos, possibilitando uma reinvenção das memórias e permitindo às professoras (re)pensarem seus caminhos na vida e na profissão. Junto com Boaventura (1996) acredito que *só o passado como opção e como conflito é capaz de desestabilizar a repetição do presente* (p. 17).

Dessa forma, fecho este texto com um excerto da narrativa da professora que produziu a *imagemtexto* que deu início a esta conversa.

Buraquinhos

Ao caminhar no chão de barro com seu sapato de salto, Dona Maria deixava buraquinhos marcados no chão durante todo o caminho. Ela seria

minha professora e me levaria para a escola, já que era minha vizinha e conhecia minha mãe.

Como ela não falava comigo durante o caminho na ida para a escola, me empenhava em pisar exatamente em cima dos buraquinhos deixados por ela no chão. Era uma tarefa difícil, porque os passos de uma criança de seis anos são muito menores do que os de uma mulher adulta, mas eu realizava muito bem a tarefa!

Ao chegar na escola nova, grande e cheia de crianças (muitas delas grandes também), levei um susto com o sinal barulhento. Não sabia que era uma regra (inventada pelos alunos, claro) correr quando o sinal batia, por isso fui "atropelada" por um dos grandes. Minha pasta azul caiu e minha caixa de giz de cera, tão perfumada, se encheu de areia.

Na sala de aula, Dona Maria apresentou a cartilha, a caderneta, o lápis, a borracha e o apontador.

- E o giz de cera, quando vamos usar? – perguntei eu.

- Só quando merecer – respondeu a professora.

Naquele dia não merecemos, aprendemos a primeira lição da cartilha e eu voltei para casa com minha caixa de giz cheia de areia e pisando nos buraquinhos mais uma vez.

Stella Dutra de Brito Vaz